

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



COELHO, Jacinto Almeida do Prado (Lisboa, 1920 - Lisboa, 1984)

Filho do professor liceal e ensaísta António do Prado Coelho, Jacinto Almeida do Prado Coelho nasceu em Lisboa em 1920, tendo revelado desde a adolescência a sua vocação literária. Com efeito, começou a publicar, ainda antes de completar 15 anos, narrativa, poesia e crítica na revista *Estudantes de Portugal*, nos anos de 1935 e 1936. Viveu sempre em Lisboa, em cuja Faculdade de Letras concluiu o curso de Filologia Românica em 1941, com a tese *A Poesia de Teixeira de Pascoais*. Ousava assim abordar, sob orientação de Vitorino Nemésio, um poeta vivo. O livro viria a lume em 1945, sendo acompanhado por uma breve antologia poética do autor de *Marânus*. Antes disso, porém, em 1943, apresentara, no Exame de Estado, o ensaio crítico-pedagógico *A Educação do Sentimento Poético*, publicado no ano seguinte. Nele revela uma das linhas de força do seu magistério e do seu ensaísmo que é a preocupação pedagógica. Menos preocupado com o *como* se deve ensinar, isto é com a didáctica, do que com o objecto do labor educativo, a “cultura viva”, considera que a poesia deve desempenhar um papel central na educação dos jovens; já no que se refere ao professor defende a “auto-educação pela vida inteira”, sem a qual nenhum educador pode ser aquilo que verdadeiramente importa, ou seja, um humanista.

Convidado em 1943 para assistente da faculdade onde se formara, Jacinto do Prado Coelho doutorou-se em 1947, com a tese intitulada *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*, dada à estampa no ano anterior. Trata-se de uma obra renovadora e de amplo fôlego, que se tornou um clássico dos estudos camilianos. Procurando “ver como nasce e cresce e se transforma a novela camiliana”, não esquece contudo “o conhecimento das circunstâncias biográficas” que iluminam a génese da novela, o seu significado e a originalidade do autor. Composto também como uma homenagem a seu pai, camilianista de mérito, o trabalho revela a segurança, o rigor e o vasto conhecimento de um investigador que, com apenas 27 anos, dominava plenamente a vastíssima obra do autor de *Amor de Perdição*, bem como as relações dialógicas de Camilo com autores nacionais e estrangeiros, clássicos e contemporâneos. Em 1951, no concurso para professor extraordinário apresentou, pela primeira vez na universidade portuguesa, um estudo pioneiro: *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, publicado nesse mesmo ano, quando uma parte substancial da obra pessoana permanecia ainda inédita. Pela sua solidez teórica e a finura da análise de recorte estilístico, tal como era praticada por Leo Spitzer ou por Dámaso Alonso, a abordagem alicerçava-se na crítica imanente que o A. sempre perfilhou, e continua a ocupar um lugar de destaque na imensa bibliografia sobre o poeta dos



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

heterónimos. Em 1953, com apenas 33 anos, Jacinto do Prado Coelho atingia o topo da carreira académica, tendo exercido funções como professor catedrático titular de Literatura Portuguesa Moderna durante 30 anos, até ao seu falecimento prematuro.

Embora os seus trabalhos e centros de interesse abrangessem outras literaturas, culturas e épocas, tendo cultivado disciplinas como, entre outras, a filologia, a linguística, a literatura comparada, ou a sociologia da literatura, Jacinto do Prado Coelho sempre atribuiu a primazia à literatura portuguesa dos séculos XVIII a XX, tendo revisitado frequentemente os autores abordados nos seus trabalhos de maior fôlego. Isso mesmo se comprova, a partir de 1965, com a edição das Obras de Camilo Castelo Branco, com a organização das Obras Completas de Teixeira de Pascoais, que ficariam incompletas por motivos alheios à sua vontade, e com diversas edições de inéditos pessoanos, entre os quais o *Livro do Desassossego* em 1982.

Planeou e dirigiu um *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, publicado inicialmente em fascículos, em 1956, e posteriormente reunido em volume em 1960. Reivindicando “uma consciência mais perfeita da unidade cultural dos três povos de língua comum”, esta obra pioneira assumiu um cariz deliberadamente histórico-literário e foi sendo reeditada e ampliada, nela se incluindo numerosas entradas de sua autoria. Na segunda edição, em dois volumes, de 1971, o escopo de um trabalho tornado imprescindível passa a abranger também a estilística literária e a aprofundar a atenção consagrada à literatura brasileira. Após o 25 de Abril de 1974, Jacinto do Prado Coelho empreende uma profunda revisão do dicionário, para o qual convida novos colaboradores, sem no entanto ter conseguido dá-lo por terminado antes da sua morte em 1984. Mas a tarefa estava adiantada, e, após algumas hesitações, viria a ser concluída nos primeiros anos do século XXI, com três volumes de actualização, que lhe acrescentam, nomeadamente, as literaturas africanas de língua portuguesa e têm como coordenadores Ernesto Rodrigues para a literatura portuguesa e Pires Laranjeira para a literatura brasileira e as literaturas africanas.

Em 1961 surge a colectânea de ensaios *Problemática da História Literária*, que engloba artigos de feição variada, abrangendo um período de mais de quatro séculos. No prefácio à 2ª ed., revista e ampliada, Jacinto do Prado Coelho faz um balanço e um *mea culpa* sobre as perspectivas teóricas e metodológicas por si adoptadas ao longo do seu percurso: “tenho sido amadoristicamente historiador da cultura, biógrafo, psicólogo; e dediquei-me à crítica imediata (necessariamente impressionista ou intuitiva) e fiz até impressionismo fora da crítica literária”. Na verdade, situado entre a história literária, tal como o Romantismo a concebera, e a reacção consubstanciada nas diversas teorias que o séc. XX lhe opôs, com o propósito comum de conferirem primazia à condição verbal da literatura – estilística, *new criticism*, formalismo russo, estruturalismo, semiótica – o A., atento já à estética da recepção, e sobretudo a Jauss, com a sua ênfase na relação obra-leitor, conclui que os diversos níveis e modos podem conjugar-se “num projecto global de estudo da literatura” em que a crítica converge com a história, e sincronia e diacronia se articulam, cabendo ao crítico, impelido “pelo amor da literatura, prolongado no desejo de a conhecer cada vez melhor”, mostrar-se consciente dos seus limites e da fragilidade do seu labor.

Duas outras colectâneas de ensaios se seguiram: *A Letra e o Leitor*, de 1969, e *Ao Contrário de Penélope*,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de 1976. Na primeira, onde reúne mais de uma vintena de estudos sobre autores que vão de Camões à poesia contemporânea, o A. defende que “no verdadeiro acto de crítica necessariamente se conjugam a intuição a reflexão e a análise”, em proporções variáveis consoante os críticos, podendo estes ser mais ou menos racionalistas ou subjectivistas. Assumindo que os textos reunidos dão testemunho “duma busca inquieta, logo duma evolução”, reconhece que o seu desejo maior foi sempre o de “«cingir» a obra literária”, procurando captá-la numa rede de relações. Na segunda colectânea, publicada já em democracia, a alegoria de Penélope e da sua teia, desfeita todas as noites para desespero dos pretendentes, serve a Jacinto do Prado Coelho para contrapor à fidelidade da mulher de Ulisses a infidelidade do crítico, que busca incessantemente a Literatura, o que nela resiste ao tempo, para acrescentar sentido às obras e tecer uma teia que “não é disfarce nem artimanha: é testemunho, dádiva”. Segue-se uma importantíssima reflexão sobre o ensino da literatura e mais de uma trintena de ensaios sobre autores e obras dos sécs. XIX e XX. A elegância e clareza do seu estilo testemunham bem a preocupação pedagógica presente ao longo do seu vasto e diversificado percurso.

No preâmbulo do último volume que publicou, *Camões e Pessoa, Poetas da Utopia*, de 1983, associa, naquele que é o mais pessoal dos seus textos, utopia e mito, sublinhando que “a literatura é o espaço por excelência da utopia”, razão pela qual não é particularmente acarinhada pelos poderes estabelecidos, que temem o seu carácter subversivo. Através da primeira pessoa do singular esclarece, numa espécie de balanço e ao mesmo tempo de testamento espiritual, as razões que o movem: “escrevo por necessidade de evasão, para ver mais claro, para prolongar o exercício da leitura, para me aproximar dos outros, para substituir a vida, para me sentir vivo.” A maior parte dos ensaios do livro é dedicada aos dois poetas cimeiros do nosso cânone, sendo os restantes estudos avulsos sobre autores portugueses e brasileiros.

Director do Centro de Estudos Filológicos entre 1954 e 1965, Jacinto do Prado Coelho foi sócio-correspondente, a partir de 1955, e efectivo, desde 1962, da Academia das Ciências de Lisboa, a cuja Classe de Letras presidiu; foi também presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores até ao seu encerramento pelo salazarismo em 1965, na sequência da atribuição do Prémio de Literatura ao escritor angolano Luandino Vieira. Esse episódio revela uma faceta importante da cidadania de Jacinto do Prado Coelho, que é a sua discreta mas firme oposição à ditadura, manifestada já aquando da crise académica de 1962. Co-director e, a partir de 1971, director da revista *Colóquio - Letras*, da Fundação Calouste Gulbenkian, o seu prestígio internacional como crítico e investigador foi-se consolidando a partir dos anos 50, em virtude da participação assídua em reuniões científicas de alto nível e à publicação em revistas internacionais consagradas. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Galega, da Hispanic Society of America, da Association Internationale de Littérature Comparée e sócio-fundador do PEN Clube Português, entre outras instituições culturais nacionais e estrangeiras, tendo sido ainda vice-presidente da Association Internationale des Critiques Littéraires, cujo Centro Português dirigiu.

A par da docência universitária, Jacinto do Prado Coelho exerceu funções de relevo na hierarquia académica, tendo sido presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

após a instauração da democracia, com um papel activo na reestruturação dos cursos de Filologia Românica. Após o 25 de Abril de 1974, por si celebrado como “uma revolução-festa”, fundou, na Faculdade de Letras, o CLEPUL – Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa, com o objectivo de promover a investigação e o conhecimento inovador sobre o universo da literatura e de outras manifestações culturais nos países de língua portuguesa. Sob a sua égide, o Centro privilegiou os estudos camilianos, a literatura brasileira, as diversas literaturas africanas de língua portuguesa e a sociologia da literatura.

Entre os seus discípulos na FLUL destacam-se, nomeadamente, David Mourão-Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues, Maria Alzira Seixo e Maria de Lourdes A. Ferraz. Num breve testemunho apresentado no colóquio de homenagem ao A., promovido pela Universidade Nova de Lisboa em 1996, o seu único filho, também ele professor universitário e escritor, Eduardo Prado Coelho, define o perfil de Jacinto do Prado Coelho do seguinte modo: “céptico, racionalista, humanista, tinha uma enorme capacidade de aceitar a diferença e a novidade”. É esse, sem dúvida, um dos seus maiores legados à cultura portuguesa.

Bibliografia Activa: *A Educação do Sentimento Poético*, Coimbra: Coimbra Editora, 1944; *A Poesia de Teixeira de Pascoais e Outros Escritos Pascoaesianos – A Educação do Sentimento Poético*, 2ª edição, Porto: Lello Editores, 1999.; *A Poesia de Teixeira de Pascoais - Ensaio e Antologia*, Coimbra: Atlântida, 1945; *A Poesia de Teixeira de Pascoais e Outros Escritos Pascoaesianos – A Educação do Sentimento Poético*, 2ª edição, Porto: Lello Editores, 1999; *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*, Coimbra: Atlântida, 1946; 2ª edição refundida e aumentada, Lisboa: IN-CM, 1982 e 1983, 2 vols.; *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, Lisboa: Revista Ocidente, 1949 [publ. em 1951]; 7ª edição revista e actualizada, Lisboa: Editorial Verbo, 1982; *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira* (dir.), Porto: Livraria Figueirinhas 1960; *Dicionário de Literatura – Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Galega, Estilística Literária*, 3ª edição, Porto: Figueirinhas, 1978; Jacinto do Prado Coelho (dir). RODRIGUES, Ernesto e LARANJEIRA, Pires (coord.), *Dicionário de Literatura – Portuguesa, Brasileira, Galega, Africana, Estilística Literária – Actualização*, Porto: Figueirinhas, 2002 e 2003, 3 vols.; *Problemática da História Literária*, Lisboa: Ática, 1961; 2ª edição revista e ampliada, Lisboa: Ática, s/d. [1972]; *A Letra e o Leitor*, Lisboa: Portugália Editora, 1969; *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa: Livraria Bertrand, 1976; *A Originalidade da Literatura Portuguesa*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1977; 3ª edição, 1992; *Camões e Pessoa, Poetas da Utopia*, Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.

Bibliografia Passiva: AMARO, Luís, “Esboço de bibliografia”. MOURÃO-FERREIRA, David. *et al.*, *Afecto às Letras – Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*, Lisboa: IN-CM, 1984; COELHO, Eduardo Prado, “Tu”. HATHERLY, Ana *et al.*, *Os Sentidos e o Sentido – Homenageando Jacinto do Prado Coelho*, Lisboa: Edições Cosmos, 1997; COLÓQUIO-LETRAS – *Homenagem a Jacinto do Prado Coelho*, nº 80, Julho de 1984 <http://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContentDisplay?n=80&o=s> ; FERRAZ, Maria de Lourdes

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

A., "Algumas reflexões sobre as orientações teóricas do Professor Jacinto do Prado Coelho". NEVES, Margarida Braga e ROCHETA, Isabel (coord.), *O Domínio do Instável – A Jacinto do Prado Coelho*, Porto: Caixotim, 2008; FERRAZ, Maria de Lourdes A. "Jacinto Prado Coelho". Centro Virtual Camões – Instituto da Cooperação e da Língua [Consultado a 2 de Janeiro de 2021]. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/jacinto-prado-coelho.html#.YGDpcD_OXIU.; RODRIGUES, Ernesto, "Nos 50 anos do «Dicionário de Literatura»". NEVES, Margarida Braga e ROCHETA, Isabel (coord.), *O Domínio do Instável – A Jacinto do Prado Coelho*, Porto: Caixotim, 2008; SANTOS, António Ribeiro dos, "Nota biobibliográfica: Jacinto do Prado Coelho (1920-1984)". NEVES, Margarida Braga e ROCHETA, Isabel (coord.), *O Domínio do Instável - A Jacinto do Prado Coelho*, Porto: Caixotim, 2008; SEIXO, Maria Alzira, "História, Crítica, Teoria". HATHERLY, Ana *et al.*, *Os Sentidos e o Sentido – Homenageando Jacinto do Prado Coelho*, Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

Margarida Braga Neves